

## A LEITURA NA CONSTITUIÇÃO DAS ESCRITORAS E JORNALISTAS DA AJEB\*

### READING IN THE CONSTITUTION OF AJEB'S WRITERS AND JOURNALISTS

Renata Marques de Avellar Dal-Bó<sup>1</sup>  
Chirley Domingues<sup>2</sup>

**RESUMO:** Este artigo resulta de uma pesquisa que buscou responder à pergunta: qual a importância da leitura literária para a produção escrita das escritoras e jornalistas da AJEB? O objetivo do estudo foi verificar se a leitura literária ocupou um papel relevante para que as associadas da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil se constituíssem como escritoras. De abordagem quali-quantitativa e caráter exploratório, a proposta define-se como um estudo de caso e teve como instrumento de coleta de dados um questionário on-line respondido por 93 associadas. As reflexões do artigo resultaram dos diálogos estabelecidos com autores como Candido (2004), Petit (2009) e Compagnon (2009). Os resultados dos dados analisados revelaram que para as ajebianas a leitura literária contribuiu para a formação delas como jornalistas e escritoras. Para grande parte das entrevistadas, para ser um bom escritor é necessário, antes de tudo, ser um bom leitor que, por sua vez, não se constitui sem um significativo repertório literário.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura Literária. AJEB. Leitor e escritor. Jornalistas. Escritoras.

**ABSTRACT:** This article is the result of a research that sought to answer the question: what is the importance of literary reading for the written production of the female writers and journalists of AJEB? The objective of the study was to verify if literary reading played a relevant role for the members of the Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (Association of Journalists and Writers of Brazil) to constitute themselves as writers. With a quali-quantitative approach and exploratory character, the proposal is defined as a case study and had as an instrument of data collection an online questionnaire answered by 93 associates. The reflections of the article resulted from dialogues established with authors such as Candido (2004), Petit (2009) and Compagnon (2009). The results of the analyzed data revealed that for the female authors literary reading contributed to their formation as journalists and writers. For most of the interviewees, to be a good writer it is necessary, first of all, to be a good reader, which, in turn, is not possible without a significant literary repertoire.

**KEYWORDS:** Literary Reading. AJEB. Reader and writer. Female Journalists. Female Writers.

<sup>1</sup> Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL) da Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Jornalista e Escritora; Vinculada ao Grupo de Estudos MARC - Memória, Afetos e Redes Convergentes do PPGCL da Unisul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6884-1856>. E-mail: [renatamadb@mail.com](mailto:renatamadb@mail.com).

<sup>2</sup> Doutora pela UFSC; Professora do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem-PPGCL e do Programa de Pós-graduação em Educação - PPGE da Unisul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7416-0977>. E-mail: [chirley.domingues@yahoo.com](mailto:chirley.domingues@yahoo.com).

\*Artigo recebido em 23 de junho de 2022 e aceito para publicação em 15 de setembro 2022.



## Introdução

A 5ª edição da pesquisa *Retratos da leitura no Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2019, revelou um dado interessante sobre o comportamento de leitores no país. De acordo com a investigação, 24% dos entrevistados afirmaram que gostam de ler livros impressos ou digitais em seu tempo livre; e 46%, gostam de escrever. Como é possível evidenciar no referido estudo, reconhecido por identificar os hábitos de leitura e avaliar o comportamento do leitor brasileiro, praticamente o dobro de entrevistados prefere escrever a ler. Os resultados nos causaram certa surpresa, uma vez que, no nosso entendimento, a formação do escritor passa pela formação do leitor.

Como membro da Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil (AJEB), instituição que promove a escrita feminina, e como professora do curso de Letras, os dados apresentados pela pesquisa do Instituto Pró-Livro nos suscitaram o questionamento que nos incitou ao estudo, qual seja: que importância tem a leitura literária para a produção escrita das escritoras e jornalistas da AJEB? A resposta a esse questionamento nos levou a desenvolver uma pesquisa que teve por objetivo principal verificar se a leitura literária ocupou um papel relevante para que as associadas da AJEB se constituíssem como escritoras.

O questionamento mobilizador do artigo aqui apresentado surgiu durante as discussões promovidas nas aulas da disciplina Tópicos Especiais em Literatura, leitura e constituição do leitor, oferecida pela linha de pesquisa Linguagem e Cultura, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem, da Unisul, cuja ementa contemplava discussões sobre a leitura literária e a formação do leitor na educação básica. O referencial teórico abordado no âmbito da disciplina suscitou uma série de questionamentos sobre a importância da formação do leitor literário em outros espaços, não se reduzindo apenas ao contexto escolar. Nesse sentido, surge a proposta de pesquisa sobre a qual nos debruçamos.

O estudo se mostrou relevante por lançar luz sobre a AJEB, instituição fundada no dia oito de abril de 1970, com objetivo de promover a troca de produções jornalísticas e literárias, o acesso ao conhecimento, a discussão de ideias e o intercâmbio de experiências, contribuindo assim para o crescimento pessoal e profissional de suas associadas. Além disso, considerando a exclusão histórica de um grande número de escritoras no Brasil, colocar em destaque uma instituição como a



AJEB é uma forma de possibilitar que muitas escritoras e jornalistas de todo o país saiam da invisibilidade.

Considerando o exposto, e na busca por respostas para a problemática apresentada, nos propomos a desenvolver uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo definida como um estudo de caso. Optamos por essa abordagem metodológica por entendermos que trata-se de um estudo que tem como foco “um pequeno grupo de sujeitos” (RAUEN, 2015, p. 478) e está “voltado a uma unidade singularizada” (RAUEN, 2015, p. 487), aspectos pertinentes à investigação que definimos empreender.

Outrossim, ao longo do andamento da pesquisa, observamos que a investigação não se limitaria a uma abordagem qualitativa, uma vez que as questões fechadas gerariam dados quantitativos. Ao nos depararmos com os dados coletados, nos certificamos que não se limitavam a números, mas se revelavam indicativos interessantes para a investigação em curso. Nesse sentido, a pesquisa pode ser considerada de abordagem quali-quantitativa, na medida em que, de acordo com Minayo (2009), as duas abordagens, no estudo em questão, efetivaram uma relação fértil.

Como método de coleta de dados foi utilizado um questionário com nove questões abertas e fechadas, respondido por 93 jornalistas e escritoras associadas da AJEB, a maioria das regiões Sul e Sudeste, por meio de um formulário on-line elaborado na plataforma Google e disponibilizado durante o mês de maio de 2021. O instrumento gerou dados quantitativos analisados em diálogo com as respostas às questões abertas. Ou seja, além dos dados imediatos e quantificados, buscamos ampliar nosso olhar sobre esses dados, considerando as informações por eles reveladas e as respostas dadas pelas entrevistadas, buscando, desse modo, entender de forma mais completa e integral a questão da pesquisa, qual seja, qual a contribuição da leitura literária para o processo de escrita das ajebianas.

Durante nosso percurso investigativo, dialogamos com autores que se debruçam sobre a importância da literatura e, como defende Meira, no prefácio que faz à obra de Todorov (2012), sua “capacidade de falar do e para o mundo real e contemporâneo”, sendo, dessa forma “um agente de conhecimento sobre o mundo, os homens, as paixões, enfim, sobre sua vida íntima e pública”. (MEIRA, 2012, p. 10). Nesse sentido, recorreremos também a Candido (2004), Petit (2009) e Compagnon (2009), principalmente pelas abordagens que os referidos autores



fazem sobre a figura do leitor que, assim como o escritor, é tão caro à nossa discussão.

### Sobre a leitura literária

Em uma aula inaugural no Collège de France, em 2006, o crítico francês Antoine Compagnon apresenta, para uma plateia de jovens estudantes que se amontoavam no auditório daquela instituição, a resposta para a seguinte questão: literatura para quê? Mais que uma resposta, o questionamento provocava inúmeras reflexões. Dentre elas, o renomado palestrante destaca que “A literatura nos ensina a melhor sentir”, além de ser “um exercício de pensamento” e “uma experimentação dos possíveis”. (COMPAGNON, 2009, p. 66).

Em um texto escrito em meados do século XX, citado exaustivamente nas discussões sobre a importância da literatura para a formação humana, Antonio Candido apresenta argumentos em defesa da literatura que nos permitem dialogar com Compagnon, uma vez que, segundo o estudioso brasileiro, “A literatura desenvolve em nós a cota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 181).

Diante do exposto, podemos dizer que a literatura proporciona ao leitor compreensões sobre si e o mundo que o cerca. Ultrapassando o espaço da informação e conhecimento, a leitura da literatura pode ir além, fornecendo subsídios psicológicos para lidar com a dor e o sofrimento. É o que a antropóloga francesa Michèle Petit constatou em suas pesquisas com jovens que vivem em comunidades marcadas por diferentes adversidades. Nos achados de Petit (2009), publicados em obras como *Os jovens e a leitura a leitura (2008)* e *A arte de ler. Ou como resistir à adversidade (2009)*, a leitura é suporte, abrigo, possibilidade de acolhimento da dor e do sofrimento, de partilha de conhecimento, de resgate da liberdade, de reconstrução da vida.

Mas, como a literatura tem esse poder, de nos atingir? Segundo, Candido (2004), isso acontece porque o texto literário “nos propõe um modelo de coerência gerado pela força da palavra organizada” (p. 178), o que, conseqüentemente, nos torna “mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos”. De acordo com o crítico brasileiro, na literatura, o conteúdo só atua por causa da forma e



[...] a forma traz em si, virtualmente, uma capacidade de humanizar devido à coerência mental que pressupõe e que sugere. O caos originário, isto é, o material bruto a partir do qual o produtor escolheu uma forma, se torna ordem; por isso, o meu caos interior também se ordena e a mensagem pode atuar. Toda obra literária pressupõe esta superação do caos, determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido (CANDIDO, 2004, p. 178).

As palavras de Candido nos levam novamente a Compagnon, quando defende que, por ultrapassar a linguagem ordinária, “o poeta e o romancista, nos divulgam o que estava em nós, mas que ignorávamos porque faltam-nos palavras” (2012, p. 47). Nesse sentido, o texto literário fornece como nenhum outro “os instrumentos necessários para conhecer e articular o mundo feito linguagem”. (COSSON, 2009, p. 30). A reflexão apresentada por Cosson nos remete mais uma vez à Petit, segundo a qual a literatura “nos torna mais hábeis no uso da língua, na capacidade de argumentar; conquistamos uma inteligência mais sutil, mais crítica; ela também nos torna mais capazes de explorarmos a experiência humana, atribuindo-lhe sentido e valor poéticos.” (PETIT, 2009, p. 19).

Considerando o exposto, podemos afirmar que a literatura amplia a nossa capacidade de conhecimento e amplia a nossa capacidade de argumentação, assim como “permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano” (TODOROV, 2012, p. 24), porque é “proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo” (CANDIDO, 2004, p. 175). Mas, para que o texto literário nos envolva, nos sensibilize, nos leve à reflexão e nos instigue a dialogar com ele, é preciso que haja entre texto e leitor um contato efetivo e um envolvimento real. Só assim, a leitura pode resultar na compreensão, promover a interpretação e, por fim, mobilizar a inferência, a reflexão e a empatia.

Se para aqueles que se dedicam à leitura da literatura, ela é “Exercício de reflexão e experiência escrita” (COMPAGNON, 2009, p. 31), se ela “amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-los” (TODOROV, 2012, p. 23), além de ser “a melhor introdução à inteligência da imagem” e nos inicia “superiormente às *finesses* da língua e delicadezas do diálogo”, como bem lembrou Compagnon (2009, p. 70), que significado ela pode ter para os profissionais da palavras, como as jornalistas e escritoras da AJEB? Os estudos que empreendemos sobre a leitura literária e a formação do



leitor, bem como nossa atuação como escritora e membro da referida associação, nos conduzem na busca por uma resposta, sobre a qual procuramos, ao longo dessa escrita, refletir.

### **AJEB – A perenidade do pensamento pela palavra**

A década de 1960 foi marcada pelo movimento feminista, que abriu caminhos para os direitos das mulheres e as lutas pela igualdade das minorias, sendo um ponto de inflexão para a sociedade contemporânea. Nesse contexto, em 08 de abril de 1970, a jornalista e escritora Hêlle Vellozo Fernandes, representante do Brasil na AMMPE, fundou a Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil – AJEB, em Curitiba, Paraná (FERNANDES, 1980). A entidade tem como principal finalidade estimular a união de jornalistas e escritoras de todo o Brasil, sob o lema: “A perenidade do pensamento pela palavra”, promovendo o intercâmbio de conhecimentos, ideias e experiências entre suas associadas e incentivando o aperfeiçoamento profissional, através da participação em reuniões literárias, seminários, encontros culturais, saraus, oficinas, palestras, lançamentos de antologias e projetos literários.

Após a fundação da AJEB, Hêlle Vellozo idealizou coordenadorias estaduais para funcionarem como mentoras em seus respectivos estados, auxiliando na administração e zelando pela conquista e defesa do crescimento cultural das mulheres em todo o território nacional. Para tanto, Hêlle fazia contato com escritoras e jornalistas de outros estados, através de associações e academias femininas. Esse esforço resultou, entre 1981 e 1985, na presença da associação em 16 estados do território nacional, com mais de trezentas sócias, somando mais de um milhar de títulos publicados (CÉ, 1988, p. 11-12).

Em 2020, a AJEB completou seu cinquentenário, mantendo coordenadorias em 17 estados brasileiros. Em 2018, durante o “I Encontro Nacional de Ajebianas”, tomamos posse como presidente coordenadora da AJEB – SC e, desde então, nos dedicamos a conhecer e divulgar a história desta entidade que, por meio da palavra escrita, há 50 anos, estreita laços de afetos entre escritoras de todo o Brasil, possibilitando um intercâmbio literário-cultural, e também ajudando a todas as mulheres/associadas a conquistarem seus espaços na literatura e no jornalismo, alçando voos que, provavelmente, não conseguiriam se estivessem sós.



Desde 1970, a AJEB possibilita que escritoras e jornalistas de todo o país saiam da invisibilidade e expressem suas opiniões e visão de mundo por meio de ensaios, memórias, narrativas, poesias e prosa periódica. Ao se manifestarem através da escrita, essas mulheres se tornam visíveis, perpetuam-se e deixam seu traço na memória coletiva e na história cultural e literária feminina brasileira.

Tendo em mente que a literatura é uma parte essencial na vida das escritoras e jornalistas da AJEB, e que, segundo Sartre (2004, p. 35), “o objeto literário só existe em movimento. [...], nesse sentido, a operação de escrever alude à de ler”, questionamo-nos sobre a importância da leitura literária para a produção escrita de suas associadas. De que maneira a leitura literária incide ou incidiu sobre a escrita dessas mulheres e, por extensão, contribuiu, ou contribui, para a constituição delas como escritoras e jornalistas?

## A metodologia e a geração de dados

Para responder a questão mobilizadora desse estudo, e para encontrarmos respostas que contribuíssem para nossas reflexões sobre o tema proposto, definimos um percurso metodológico que teve início com a elaboração de um questionário online, na plataforma Google, com nove perguntas, fechadas e abertas a serem respondidas pelas escritoras e jornalistas da AJEB de todo o Brasil. Optamos por esse instrumento de coleta de dados porque entendemos que se trata de um recurso eficiente para “obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc”, (GIL, 2012, p. 121). Mas outros motivos foram fundamentais para a escolha desse recurso. Primeiro, porque, sendo a AJEB uma associação nacional, o questionário online seria a forma mais rápida e fácil para atingirmos o maior número de participantes em todo o país. Segundo, por ser exequível para a nossa pesquisa, que se realizava no contexto da pandemia de Covid-19, quando os recursos tecnológicos passaram a ser mais utilizados e, portanto, mais acessado por pessoas de todas as idades.

O questionário, respondidos por 93 participantes da pesquisa, foi elaborado com sete questões fechadas que podem ser agrupadas em blocos, sendo as duas primeiras referentes à idade das respondentes e região da AJEB à qual estão vinculadas. A questão 03 diz respeito à preferência delas no que se refere ao gênero literário, seguida das



questões 04, que versa sobre a frequência com que leem literatura, se diariamente, semanalmente ou mensalmente, e a 06, que teve por propósito saber a quantidade de livros que elas leem por mês e que avaliação fazem do tempo dedicado à leitura da literatura. O que as motiva a ler e que importância tem a literatura no processo de escrita dizem respeito às questões 07 e 08. A questão 09 teve por objetivo saber quem exerceu maior influência para a formação delas como leitoras e a questão 10 se, para elas, a formação do leitor literário é fundamental para a constituição do jornalista e escritor. Diante da resposta afirmativa, solicitamos que indicassem uma obra ou autor que se constituem como referência para a formação delas como escritoras ou jornalistas. Importante registrar que todas as respondentes foram contatadas, primeiramente, por e-mail, recurso utilizado para convidá-las e apresentar o objetivo da pesquisa.

O primeiro dado gerado a partir do questionário refere-se à idade das respondentes. 19,4% têm entre 41 e 50 anos; 29,6% entre 50 e 60 anos e 47,3% têm mais de 61 anos. Fica evidente a receptividade das associadas com mais de 50 anos ao convite feito para participarem da pesquisa. No que se refere às regiões na qual mora a maioria das respondentes, os dados revelaram que 64% são da Região Sul e 21,5% do Sudeste.

No que se refere ao gênero literário, as ajebianas revelaram preferir romance 34,4%, e poesia, 31,2%, seguido pela crônica, 24,7% e pelo conto, sendo este o menos preferido, citado por apenas 9,7% das respondentes. Quanto à frequência, 37,6% disseram ler livros literários todos os dias, 33,3% leem três vezes por semana, 8,6% uma vez por semana e 14% uma vez por mês. Quase a metade das entrevistadas, ou seja, 49,5% responderam que leem de um a dois livros por mês, 26,9% de dois a quatro livros, 15,1% leem cinco ou mais livros, 8,6% leem menos de um livro por mês. Uma boa parte das respondentes avaliam que dedicam pouco tempo a leitura, 41,9%. A maioria, porém, 44%, acha que usa um tempo médio, enquanto apenas 14% acredita que usa muito tempo para se dedicar à referida atividade.

Quanto à motivação para a leitura, 36,6% responderam que escolhem livros literários cujas histórias as emocionam. 34,4%, por sua vez, afirmou que lê quando o assunto interessa. Ao que tudo indica, a leitura literária para as ajebianas é emoção, mas também conhecimento. A atitude de grande parte das respondentes nos remete à Rouxel



(2013, p. 74) quando a pesquisadora, em um texto no qual discute a autobiografia de leitores na educação básica e superior no contexto francês, percebe que “[...] todas as autobiografias de leitores mostram que a leitura é quase sempre, antes de tudo, a procura de uma emoção”.

Ao serem questionadas sobre a formação delas como leitoras, 32,3% das participantes da pesquisa informaram que se tornaram leitoras literárias por influência dos pais, enquanto 25,8% se referiram aos professores e outras 29% alegaram que se tornaram leitoras literárias por influência de outras pessoas, que não os pais, amigos, parentes e professores. Como é possível verificar, juntos, pais e professores colaboraram de maneira significativa para a formação leitora de mais de 50% das entrevistadas. Diante dos dados, refletimos sobre o papel dos mediadores e o quanto ele é significativo no contato do leitor com o texto literário, sobretudo no contexto escolar brasileiro, uma vez que este é o único espaço de encontro com a literatura para milhares de crianças desse país.

Quando perguntadas qual a importância que a leitura tem para sua escrita, quase a totalidade das entrevistadas, ou seja, 97,7% responderam que consideram a leitura muito importante para a escrita, corroborando com a ideia de que a formação do escritor passa pela formação do leitor. Ademais, como expressou uma das escritoras, “a leitura movimentava diferentes conhecimentos poéticos e históricos, os quais oferecem significados às produções de escritores e jornalistas”. Além da motivação, a leitura literária para essas mulheres, como destacou outra respondente, “agrega conhecimento, sensibiliza e abre caminhos intelectuais e imaginários”, ou ainda, “abre a mente para outras realidades, outros mundos e outros estilos de texto”.

As escritoras e jornalistas também acreditam que a leitura literária “constrói, desconstrói, confronta e fortalece ideias; aumenta o desempenho cognitivo; organiza, gere, seleciona, interpreta, analisa e critica informações”. Essa concepção corrobora com a ideia de Compagnon, quando ele nos diz que:

A literatura desconcerta, incomoda, desorienta, desnorteia mais do que os discursos filosófico, sociológico e psicológico porque ela faz apelo às emoções e à empatia. Assim ela percorre regiões da experiência que os outros discursos negligenciam, mas que a ficção reconhece em seus detalhes (2009, p. 50).



As entrevistadas defendem, também, que a “literatura é um direito básico de cidadania para a construção de uma sociedade consciente”, o que vem ao encontro do conceito de Cândido (2004, p. 180), de que a literatura deve ser um direito a todos, pois humaniza e enriquece a personalidade do indivíduo e do grupo, contribuindo para “o exercício da reflexão, a aquisição do saber [...], o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo dos seres, o cultivo do humor”.

Por fim, para as ajebianas partícipes da nossa pesquisa, a leitura de outros escritores as inspira e influencia em seus escritos. E isso ocorre, na opinião de uma delas, “porque através da linguagem literária o escritor desenvolve o raciocínio cognitivo, o qual é de suma importância para criação de textos literários”. Elas acreditam, ainda, que além do talento nato, a leitura contribui “para avançar na composição do pensamento literário”. Desta forma, “o escritor pode se observar, aprender, com a literatura, tendo escritores, como influenciadores de sua composição escrita”, pois, como enfatiza outra participante “quando lemos, automaticamente, nossa mente absorve o modo como o autor escreve, ajudando o escritor a formar sua própria linha de pensamento e a sua escrita”.

Ainda de acordo com as entrevistadas, “a escritora começa na infância ou adolescência, imitando os escritores por quem se encanta. Só depois vai construindo um estilo próprio. Estilo que é dela, porém traz muito dos seus mestres na literatura”. A afirmação apresentada nos leva a uma reflexão de Leady-Dios, autora para quem, no contato com a literatura, “leitores ampliam seus horizontes emocionais e intelectuais, adquirindo novas dimensões de saber e autocompreensão através de obras literárias. Esse é um dos motivos frequentes de recomendação da leitura de textos literários como complementação da educação da pessoa (2004, p. XXVIII). E se assim deve ser para qualquer leitor, muito mais deve ser para os profissionais da arte e da palavra. Afirmação com a qual parece concordar uma das ajebianas, quando esta afirma que “Quem teve como mestre um Machado de Assis, sempre fará da linguagem o caminho da alma humana. Quem aprendeu a amar Guimarães Rosa não conseguirá manter-se no dicionário, pois o impulso por criar palavras que melhor a traduzam será quase fatal”.

Na última questão do questionário, que pedia para indicar uma obra literária ou um (a) autor (a) que tenha sido fundamental para sua constituição como escritora/ jornalista, Machado de Assis foi o escritor



mais citado pelas entrevistadas, com 12 indicações. Em seguida vem a escritora Clarice Lispector, com seis indicações; Jorge Amado, José de Alencar e Mário Quintana, com quatro; Carlos Drummond de Andrade, Lya Luft, Cecília Meireles e Monteiro Lobato, com três; e Mário Quintana, Cora Coralina, Ruth Rocha, Adélia Prado, Rubem Alves e Monteiro Lobato, com duas.

Quanto às obras citadas, 87% são de autores brasileiros e 8% de autores portugueses, o restante de outras nacionalidades. O livro mais citado, por três vezes, foi “O Pequeno Príncipe”, do autor francês Antoine de Saint-Exupéry. Entre os livros brasileiros indicados estão: “O Tempo e o Vento”, de Érico Veríssimo, citado duas vezes, “Dom Carmuro”, de Machado de Assis; “A hora da estrela”, de Clarice Lispector; “O Cortiço”, de Aluísio de Azevedo; “O Guarani”, de José de Alencar; e “Anarquistas Graças a Deus”, de Zélia Gattai.

Chama-nos a atenção que a quase totalidade de escritores e obras citados pelas entrevistadas são brasileiros e fazem parte do cânone literário, sendo autores e livros considerados como referência num determinado período, estilo ou cultura. Isso significa que a escrita dos autores clássicos de nosso país foi importante para a formação das jornalistas e escritoras da AJEB como escritoras.

## Conclusão

O artigo teve como objetivo apresentar as reflexões suscitadas por uma pesquisa na qual tivemos por objetivo verificar se a leitura literária ocupa um papel relevante na produção escrita das associadas da AJEB (Associação de Jornalistas e Escritoras do Brasil). A investigação à qual nos dedicamos, realizou-se a partir de um questionário respondido por 93 escritoras e jornalistas ajebianas de todo o território nacional, ainda que um grupo mais significativo delas esteja vinculado às sedes do sul e sudeste do país.

Ao finalizar nosso estudo, constatamos que a literatura tem funções diversas para as entrevistadas, na medida em que enriquece o vocabulário, amplia o acervo cultural, tanto individual quanto coletivo, bem como a visão de mundo. Além disso, a leitura literária aumenta a sensibilidade, aguça a criatividade e a imaginação. Ao mobilizar um conhecimento sensível, poético e histórico da humanidade, a literatura promove vivências que contribuem na formação do leitor e, consequentemente, do escritor, tendo em vista que as experiências vividas como



leitor constituem o escritor. Ler, tanto quanto escrever, é reviver e recriar uma visão de mundo. Conforme Freire (1989, p. 13), “podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de ‘escrevê-lo’ ou de ‘reescreve-lo’, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente”.

De acordo com o resultado da pesquisa, no qual 97.7% das escritoras e jornalistas da AJEB responderam que consideram a leitura muito importante para sua escrita, verificamos que a formação do escritor passa pela formação do leitor.

A leitura literária tem uma enorme influência na escrita das jornalistas e escritoras da AJEB, colaborando para o enriquecimento do vocabulário e da linguagem e, conseqüentemente, da escrita. Conforme Compagnon (2009, p. 39), a literatura nos ensina a não sermos enganados pela língua, “a literatura nos torna mais inteligentes, ou diferentemente inteligentes. O dilema da arte social e da arte pela arte se torna caduco face a uma arte que cobiça uma inteligência do mundo liberta das limitações da língua”.

A leitura literária também estimula a imaginação e criatividade das entrevistadas, aguçando a curiosidade, provocando emoções e sentimentos e instigando-as a escrever suas próprias histórias. Para Compagnon (2009, p. 47), “o próprio da literatura é a análise das relações sempre particulares que reúnem as crenças, as emoções, a imaginação e a ação, o que faz com que ela encerre um saber insubstituível, circunstanciado e não resumível sobre a natureza humana, um saber de singularidades”.

Para as entrevistadas, a leitura literária também é um pré-requisito, abrindo caminhos para a escrita. Além disso, elas acreditam que a leitura literária é fundamental para a formação individual e coletiva do escritor. Um bom leitor, constrói um bom escritor, na opinião das partícipes da pesquisa. Conforme as escritoras, um bom escritor ou jornalista sofre influência da leitura feita por toda a vida.

Finalmente, as jornalistas e escritoras da AJEB consideram que a leitura literária de outros escritores inspira e influencia seus textos. Para elas, o escritor começa a se constituir por meio das leituras e, então, constrói um estilo próprio, dando vida aos seus sentimentos e à imaginação, extravasando seu mundo sensível pela escrita. O ato de escrever implica em uma percepção crítica, interpretação e reescrita do lido. Escrever é fazer uma releitura da obra lida, é interagir e transcender o texto.



Um bom leitor, portanto, constrói um bom escritor, na opinião das partícipes da pesquisa. A leitora que elas se constituíram serve de base para a escritora que elas são, uma vez que o conhecimento de mundo adquirido por meio da leitura acrescenta significado às suas próprias vidas e, por extensão, às suas produções escritas pois, como destaca Compagnons (2009, p. 62), “[...] o texto literário me fala de mim e dos outros; provoca minha compaixão; quando leio me identifico com os outros e sou afetado por seu destino, suas felicidades e seus sofrimentos são momentaneamente os meus”. A cada leitura um caminho se abre para um novo aprendizado, para uma nova percepção de mundo. Segundo elas, observando a escrita alheia, o escritor forma seus próprios conceitos e enriquece sua escrita.

As respostas ao questionário nos permitiram verificar, ainda, que para as entrevistadas a literatura é um direito básico, uma forma de compreender a importância de exercer a cidadania, o que é essencial para a construção de uma sociedade mais consciente que se empenha na busca de equidade social. Tal compreensão nos remete mais uma vez a Compagnon. Em uma discussão que pretende responder à questão “Literatura para quê?”, o crítico francês destaca que “A literatura, instrumento de justiça e de tolerância, e a leitura, experiência de autonomia, contribuem para a liberdade e para a responsabilidade do indivíduo” (2009, p. 41).

Ao finalizarmos a análise dos dados da pesquisa, evidenciamos que as ajebianas consideram que a leitura de outros escritores inspira e influencia seus textos, como fica evidente na resposta de uma das entrevistadas ao afirmar que “o escritor começa na infância ou adolescência, imitando os escritores por quem se encanta. Só depois irá construindo um estilo próprio. Estilo que é dele, porém traz muito dos seus mestres na literatura”. Diante do exposto, e ao final das reflexões mobilizadas no nosso estudo, podemos inferir que a leitura teve um papel relevante para que as jornalistas e escritoras da AJEB se constituíssem e se constituam como escritoras.

## Referências

- CÉ, M. de L. S. (org). **Ajebianas de Sul a Norte**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1988.
- COMPAGNON, A. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.



CANDIDO, A. O direito à literatura. In: **Vários Escritos**. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 2004.

COSSON, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 1. ed., 3ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

FERNANDES, H. V. (org). **Ajebianas do Paraná e do Brasil**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1980.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GIL, A. C.. **Métodos e técnicas da pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

LEADY-DIOS, C. **Educação Literária como Metáfora Social: desvios e rumos**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MEIRA, C. Apresentação: a edição brasileira. In: TODOROV. **A literatura em perigo**. 4. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2012. p. 7-12.

MINAYO, M. C. **O desafio da pesquisa social**. In: Minayo, M. C. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

PETIT, M. **A arte de ler ou como resistir à diversidade**. São Paulo: Ed. 34, 2009.

RAUEN, F. **Roteiros de iniciação científica: os primeiros passos da pesquisa científica desde a concepção até a produção e a apresentação**. Palhoça: Ed. Unisul, 2015.

ROUXEL, A. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia. (Org.) **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013. 210 p.

SARTRE, J-P. **O que é literatura?** 3. ed. São Paulo: Ed. Ática, 2004.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Tradução Caio Meira. 4 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2012.

